



A DUPLA ETERNIDADE EM NIETZSCHE

The double eternity in Nietzsche

Paulo Abe

Mestre em Filosofia pela USP

pauloaltro@hotmail.com

Resumo: Neste artigo se procurará analisar o conceito de eternidade em Nietzsche, partindo do campo das forças e do próprio tempo, suas relações com o infinito e o finito para se chegar ao eterno retorno do mesmo. Posteriormente, se colocará em pauta a crítica de Nietzsche a uma origem e finalidade do mundo, indo do campo cosmológico ao de valores, visando a eternidade cristã no campo das forças e seu reflexo na vida. Neste percurso, utilizaremos os fragmentos póstumos, o *Anticristo* e *Gaia Ciência* de Nietzsche, além de *Extravagâncias – Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche* de Scarlett Marton.

Palavras-chave: Eternidade. Tempo. Forças. Eterno Retorno. Cristianismo.

Abstract: On this article we will seek to analyze Nietzsche's concept of eternity, starting from the field of forces and time itself, its relations with infinity and finite to arrive on the eternal recurrence. Later we will discuss the Nietzsche's critique on an origin and a purpose of the world, going from the cosmological field to the field of values targeting the Christian eternity on the field of forces and its reflex on life. On this way, we will use Nietzsche's posthumous fragments and *The Anti-Christ* and *Gay Science*, plus Scarlett Marton's *Extravagâncias – Ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*.

Key-words: Eternity. Time. Forces. Eternal Recurrence. Christianity.

Nietzsche afirma que “a medida da força total é determinada, não é nada de ‘infinito’”¹. Sendo assim, ainda que o número de combinações seja cósmico, a finitude

¹ Fragmento póstumo 11 [202] de primavera-outono de 1881.

A dupla eternidade em Nietzsche

das forças limita sua extensão. Porém, o terreno em que a força total determinada e finita se exerce é infinita. Aqui nos referimos ao próprio tempo, o campo de batalha das forças, que Nietzsche define como “*eternamente ativa*”², oposto às forças serem “*eternamente iguais*”³.

Por outro lado, a renovação infinita de situações, uma atividade sem fim de casos que nunca tiveram existido, precisaria de uma força infinita, o que, segundo Nietzsche, já não se pensa mais ser possível⁴. Antes, há na verdade uma finitude eternamente ativa a repetidamente exercer as mesmas forças. Isto é, “*a eterna ampulheta da existência*” (NIETZSCHE, 1974, p. 217) a se revolver. E sua razão é apresentada em um fragmento póstumo:

Se todas as possibilidades na ordem e relação das forças já não estivessem esgotadas, não teria passado ainda nenhuma infinidade. Justamente porque isto tem de ser, não há mais nenhuma possibilidade nova e é necessário que tudo já tenha estado aí, inúmeras vezes⁵.

Desta maneira, no esgotamento de forças se comprova a sua infinidade. Isto é, a força deve ser determinada, limitada e retornável, pois aqui não se assume um papel renovador e constantemente original, mas pelo contrário, a infinidade na filosofia nietzscheana é este renovar-se do mesmo, ou ainda, sua forma cíclica. Em 1873, em *A Filosofia na Época Trágica dos Gregos*, Nietzsche encontra em Heráclito um paralelo a suas ideias, como diz Scarlett Marton: “*A seu ver, concebendo o mundo enquanto criação e destruição permanentes, o pré-socrático entenderia que ele sucumbe periodicamente para ressurgir sempre o mesmo – e, desse modo, a conflagração geral colocaria em pauta a repetição*” (MARTON, 2009, p. 86).

Nietzsche reforça seu argumento com a falta de provas para o que chama de “*equilíbrio de forças*”⁶. Pois, se o mundo e suas forças estivessem em equilíbrio,

² Idem, Ibidem.

³ Idem, Ibidem.

⁴ Fragmento póstumo 11 [269] de primavera-outono de 1881

⁵ Fragmento póstumo 11 [152] de primavera-outono de 1881.

⁶ Fragmento póstumo 11 [245] de primavera-outono de 1881.

A dupla eternidade em Nietzsche

continuariam desta forma, porém não o estão e não há por que, uma vez equilibrados, perderem seu *status*. De maneira que não estando equilibrados e não sendo possível perderem o equilíbrio, as forças não alcançaram e não alcançarão nunca tal estado.

Se o equilíbrio fosse possível, teria de ter ocorrido. E se o estado deste instante esteve aí, então também esteve aquele que gerou, e seu estado prévio, e assim por diante, para trás –, de onde resulta que também uma segunda, terceira vez ele já esteve aí –, inúmeras vezes, para frente e para trás.⁷

Ainda no §14, o filósofo fez: “*a cessação de forças, seu equilíbrio, é um caso pensável: mas não ocorreu, conseqüentemente o número de possibilidades é maior que o das efetividades*”⁸. Aqui basta apenas um caso pensado que não tenha de fato ocorrido no momento presente ou no passado, isto é, em um estado efetivo, para se concluir que o número de possibilidades é maior do que ocorreu até então. Todavia, por justamente a possibilidade, que acabaria com todas as outras possibilidades, a saber, o equilíbrio, não ter ocorrido, voltamos a todas as possibilidades terem já ocorrido, a uma infinidade de casos já ter passado. Assim, voltando ao §7, “*isto tem de ser assim, não há mais nenhuma possibilidade nova e é necessário que tudo já tenha estado aí, inúmeras vezes*”⁹.

Outro caso seria se nada de igual retornasse. Em outras palavras, se realmente as forças fossem infinitas, inesgotáveis, irrepetíveis. Desta maneira, Nietzsche conclui daí que: “*não poderia ser explicado pelo acaso, mas somente por uma intencionalidade posta na essência da força*”¹⁰. E justamente aí Nietzsche afirma sua consideração se opor a todas as considerações teístas que houve até agora¹¹. Pois pensar essa infinitude de força a nunca se repetir é não só menos verossímil que o “*alcançamento casual do mesmo lance de dados*”¹², mas que no mundo haja uma vontade para tanto e, desta

⁷ Idem.

⁸ Idem.

⁹ Fragmento póstumo 11 [152] de primavera-outono de 1881.

¹⁰ Fragmento póstumo 11 [245] de primavera-outono de 1881.

¹¹ Fragmento póstumo 11 [312] de primavera-outono de 1881.

¹² Fragmento póstumo 11 [245] de primavera-outono de 1881.

A dupla eternidade em Nietzsche

forma, um objetivo, um alvo, uma finalidade. De uma maneira dupla, Nietzsche em última instância renuncia à atribuição de o mundo ter sido criado ou/e ter uma tendência para um fim. Em outras palavras, nega o deus cristão.

Não houve primeiro um caos e depois gradativamente um movimento mais harmonioso e enfim um firme movimento circular de todas as forças: em vez disso, tudo é eterno, nada veio a ser: se houve um caos das forças, também o caos era eterno e retorna em cada anel. O curso circular não é nada que veio a ser, é uma lei originária, assim como a quantidade da força é a lei originária, sem exceção nem transgressão.¹³

Desta maneira, o mundo e a força já estão dados desde sempre e assim o continuarão fazendo. Tal é sua eternidade. A contínua atividade, no entanto, não pode aumentar suas forças, pois ocasionaria em novos casos e não no retorno do mesmo, o que pressuporia a infinitude de si mesma ou um infinito combustível a nunca se consumir, mas crescer; e por outro lado não pode diminuir suas forças, já que poderia se tornar fraca e em dado momento sucumbir. Em outras palavras: “*O mundo das forças não é passível de nenhuma cessação: pois senão esta teria sido alcançada, e o relógio da existência pararia*”.¹⁴ Em outro fragmento póstumo Nietzsche conclui: “*O mundo das forças, portanto, nunca chega a um equilíbrio, nunca tem um instante de repouso, sua força e seu movimento são de igual grandeza para cada tempo*”.¹⁵ Assim, o repouso só seria plausível se houvesse apenas uma força e não múltiplas, onde um caso apenas fosse possível e não vários, o que impossibilitaria em grande medida – senão total – a própria vida. Todavia, há vida; há luta. E se não há equilíbrio para a força, mas uma constante ação dos mesmos elementos, poderia-se dizer que na eterna repetição se encontra apenas a atividade do mesmo – na expressão do *meio-dia* –, uma vez aparecendo infinitamente no passado, presente e futuro.

¹³ Fragmento póstumo 11 [157] de primavera-outono de 1881.

¹⁴ Fragmento póstumo 11 [148] de primavera-outono de 1881.

¹⁵ Idem.

A dupla eternidade em Nietzsche

Assim este instante: ele já esteve aí uma vez e muitas vezes e igualmente retornará, todas as forças repartidas exatamente como agora: e do mesmo modo se passa com o instante que gerou este (...) Tua vida inteira, como uma ampulheta, será sempre desvirada outra vez e sempre se escoará outra vez (...) no curso circular do mundo (...) o pensamento do eterno retorno de todas as coisas: - é cada vez, para a humanidade, a hora do *meio-dia*.¹⁶

Por outro lado, temos a eternidade cristã. Sua origem se dá no campo da moralidade que Nietzsche chamou de moral de escravo, dos fracos ou dos ressentidos. Isso, pois, por ser incapaz de ser forte, o cristão diz ser um erro sê-lo – justificando sua posição – e impondo a culpa no estado de força. De maneira que dá mérito à renúncia, eleva a fraqueza, premiando o ressentido no ultramundo. Desta forma, o reino de Deus é um produto do ódio, da vingança (imaginária) e dos ideais dos fracos, impotentes, ou seja, cristãos contra os fortes, pois justamente em seu ressentimento por sua fraqueza odeiam os fortes e se vingam com seus ideais, o que inclui a recompensa no ultramundo, e com sua moralidade no campo apenas da negação deste mundo.

Em *O Anticristo* (1888), Nietzsche no §42 ataca Paulo, o chamado de disangelista, “o gênio do ódio, na visão do ódio, na inexorável lógica do ódio” (NIETZSCHE, 1974, p. 360). No entanto, justificou seu ódio contra Paulo por ele apenas querer potência e isso significava precisamente que os padres e sacerdotes tivessem potência, ou seja, o próprio Paulo. “Se ele mesmo não acreditava, os idiotas entre os quais lançou seu ensinamento acreditariam nisso (...) só podia aproveitar conceitos, ensinamentos, símbolos, com os quais se tiranizam massas, se formam rebanhos” (NIETZSCHE, 1974, 360). Desta maneira, então, Paulo inventou a crença na imortalidade da alma que daria todo o poder para a tirania dos padres. Ou seja, na doutrina do Julgamento no ultramundo e sua recompensa para os ressentidos. Assim, teria em sua moralidade e na imortalidade da alma a emboscada para o além e não a própria vida.

¹⁶ Fragmento póstumo 11 [148] de primavera-outono de 1881.

A dupla eternidade em Nietzsche

Aqui Nietzsche alerta sobre essa pedra angular da moralidade dos ressentidos, a saber, a imortalidade. Sob ela o além se dispõe; sob ela o ultramundo é possível. Desta maneira, no Julgamento, o cristão pressupõe que as forças do mundo tenham um fim, uma finalidade, um objetivo, um equilíbrio na eternidade e de tal perspectiva retiram sua moralidade. Pensando o mundo ter um fim, justificam tê-lo sido criado também. No entanto, se referindo à visão cristã, Scarlett Marton diz: “*Fabricou a vida depois da morte para justificar a existência; nefasta, fabricou o reino de Deus para legitimar avaliações humanas. Na tentativa de negar este mundo em que nos achamos procurou estabelecer a existência de outro, essencial, imutável, eterno*” (MARTON, 2009, p. 91). Tal é a justificativa da eternidade cristã.

Se se põe o centro de gravidade da vida, *não* na vida, mas no “além” – *no nada* –, tirou-se da vida toda gravidade. A grande mentira da imortalidade pessoal destrói toda razão, toda natureza que já no instinto – *tudo* o que é benéfico nos instintos, que propicia a vida, que garante futuro, desperta agora desconfiança. Viver *de tal modo*, que não tem mais nenhum *sentido* viver, *esse* se torna agora o “sentido” da vida... (NIETZSCHE, 1974, p. 361).

Desta maneira um equilíbrio final das forças se manifesta da moralidade cristã, a eternidade, que reflete um modo de viver contra a própria vida, ou ainda, “*o ódio instintivo contra a realidade*” (idem, p. 359); contra o oposto da moralidade dos ressentidos: a moralidade dos nobres e fortes.

A partir do *ressentiment* das massas ele [Paulo] forjou para si a *principal* arma que tem contra nós, contra tudo o que é nobre, alegre, magnânimo sobre a terra, contra nossa felicidade sobre a terra... A ‘imortalidade’ concedida a cada Pedro e Paulo foi até agora o maior, o mais maldoso atentado contra a humanidade *nobre*. (idem, p. 361).

Por isso Nietzsche afirmará no fragmento póstumo 14 da primavera de 1888 que: “*É preciso armar os fortes contra os fracos*” (NIETZSCHE apud MARTON, 2011, p. 19); os nobres contra ressentidos; Aquilo que tem *altura* contra os “baixos”. É preciso não se deixar seduzir pelo apóstolo do ressentimento, do ódio e da vingança, Paulo, pois a invenção disangelista acarretou justamente numa emigração da vida e do

A dupla eternidade em Nietzsche

mundo em massa. No cristianismo, recusa-se um “dionisíaco dizer-sim ao mundo (...) tal como ele é” (NIETZSCHE apud MARTON, 2009, p. 92). Em outras palavras, a imortalidade da alma nega a própria vida.

É possível observar, depois deste trajeto, como moralidade e a noção de eternidade estão interligadas. A eternidade como retorno contra a eternidade como finalidade, equilíbrio, ultramundo. No entanto, para Nietzsche, como diz Scarlett Marton: “*Se a ruína do cristianismo trouxe como consequência a sensação de que ‘nada tem sentido’, ‘tudo é em vão’, trata-se agora demonstrar que a visão cristã não é a única interpretação do mundo – é só mais uma*” (2009, p. 91). Para tanto: o eterno retorno do mesmo. “*Meu ensinamento diz: viver de tal modo que tenhas de desejar viver outra vez, é a tarefa, - pois assim será em todo caso*”¹⁷. Este é o experimentalismo como opção filosófica de Nietzsche, como continua Scarlett Marton, “[pois] *o foco da doutrina nietzschiana reside nas questões filosóficas*” (idem, p. 90). Assim, com sua *outra* interpretação do mundo, experimenta com o modo de pensar e existir humano, onde, ao se admitir o eterno retorno do mesmo e a contínua atividade das forças do mundo, se assume a afirmação deste, isto é, da própria vida e deste mundo e não a imortalidade da alma de Paulo, no ultramundo, Julgamento, eternidade como finalidade e equilíbrio das forças, ou ainda, na força motriz de tal visão de mundo: vingança e ódio. Para Nietzsche, “A eternidade está em jogo!”¹⁸. Desta maneira, em sua hipótese cosmológica é preciso tirar algo do campo ético: “*É urgente, pois, suprimir o além e voltar-se para a Terra: é premente entender que eternidade é esta vida tal como a vivemos aqui e agora*” (MARTON, 2009, pp. 91-2).

Bibliografia:

MARTON, S. (2009). *Extravagâncias – Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo, SP: Discurso Editorial.

¹⁷ Fragmento póstumo 11 [163] de outono-primavera de 1881.

¹⁸ Fragmento póstumo 11 [163] da primavera-outono de 1881.

A dupla eternidade em Nietzsche

_____ (2011). “*Nietzsche e a crítica da democracia*”. In Rubira L.; Araldi C. (orgs). **Revista Dissertatio** [33] 17 – 33 inverno de 2011 (pp. 17-33). Pelotas: UFPEL.

NIETZSCHE, F. (1974). **Assim falou Zaratustra**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974.

_____ (2008). **Fragments Póstumos – 1875-1882**. Tradução de Juan Luis Vernal. Madri: Tecnos Editorial S A.

_____ (1974). **Gaia Ciência**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974.

_____ (1974). **O Anticristo**. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo, SP: Abril Cultural, 1974.